

A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM ORAL NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA

THE INFLUENCE OF ORAL LANGUAGE IN THE WRITTEN LANGUAGE ACQUISITION PROCESS

Karina Souza Alves Montanha¹

RESUMO: Os desvios de convenção ortográfica estão relacionados ao fato de a escrita ter várias letras para representar um único som, segundo a sua posição dentro da palavra, e os desvios de interferência da oralidade na escrita estão relacionados ao fato de a criança transferir a oralidade na hora de elaborar a sua escrita. Dessa forma, o objetivo é analisar alguns desvios ortográficos, geralmente, cometidos por crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Neste artigo, são elucidados, por meio de fragmentos de um texto, alguns desvios ortográficos cometidos durante o processo de alfabetização. Esses desvios podem ser de dois tipos: desvios de convenção ortográfica ou desvios por interferência da oralidade na escrita, como demonstra a análise do texto. Como metodologia foi utilizada a Revisão de Literatura, tendo como principal referencial teórico Bortoni-Ricardo (2006), para discussões a respeito da consciência fonológica no processo de alfabetização. Como resultados do estudo, nota-se que os desvios de interferência da oralidade na escrita devem ser a primeira preocupação do professor que deve criar estratégias para sanar os problemas, buscando desenvolver no aluno a sua consciência fonológica, ao passo que os desvios de convenção ortográfica podem ser resolvidos um pouco mais tarde e, para solucioná-los, o aluno pode utilizar o dicionário.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Linguagem Oral. Linguagem Escrita.


ABSTRACT: Deviations from spelling convention are related to the fact that writing has several letters to represent a single sound, according to its position within the word, and deviations from the interference of orality in writing are related to the fact that a child transfers orality at the time to prepare your writing. Therefore, the objective is to analyze some spelling errors, generally committed by children in the Early Years of Elementary School. In this article, some spelling errors committed during the literacy process are elucidated, through fragments of a text. These deviations are of two types: deviations from orthographic convention or deviations due to interference of orality in writing, as demonstrated by the analysis of the text. The Literature Review was used as a methodology, with Bortoni-Ricardo (2006) as the main theoretical reference, to discuss phonological awareness in the literacy process. As results of the study, it is noted that deviations from the interference of orality in writing should be the first concern of the teacher who must create strategies to resolve the problems, seeking to develop the student's phonological awareness, while deviations from orthographic convention they can be solved a little later and, to solve them, the student can use the dictionary.

KEYWORDS: Literacy. Oral Language. Written Language.

Introdução

Um grande desafio para os professores de alfabetização é resolver problemas de desvios ortográficos causados pela influência da linguagem oral na língua escrita. Quando as crianças começam a frequentar a escola, elas já falam e se comunicam de um jeito

¹ Universidade Metodista de Piracicaba. E-mail: kamontanha@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0002-8629-7847>

● [Informações completas no final do texto](#)

particular que é transferido para a grafia, também de um modo particular. Nesse contexto, de acordo com Oliveira (2005, p. 9), “dito de outra forma: o conhecimento sobre a língua falada controla o processo de aprendizagem da língua escrita”. Por isso, é importante considerar que a linguagem oral influencia o processo de aquisição da língua escrita e ocorre, principalmente, no início da vida escolar do aluno.

Com a pretensão de abordar esta temática, o presente artigo tem por objetivo analisar alguns desvios ortográficos, geralmente, cometidos por crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, o estudo foi desenvolvido à luz das propostas de Lemle (2009), Oliveira (2005), Oliveira e Nascimento (1990), Bortoni-Ricardo (2006), Pacheco (2008) e Rojo e Barbosa (2015).

Lemle (2009) e Oliveira (2005) utilizam critérios denominados “falhas da escrita” e “grupos de erros”, respectivamente. Utilizarei desses critérios para fazer a análise dos desvios ortográficos do texto.

É bom que se diga o seguinte: não estamos sugerindo aqui que apenas o conhecimento da língua falada tenha influência no processo de aprendizado da escrita. Mas estamos sugerindo, sim, que este conhecimento está amplamente envolvido no aprendizado da escrita (OLIVEIRA, 2005, p. 9).

E é realmente isto, a proposta é analisar a influência da oralidade na escrita, mas sem desconsiderar e minimizar outros fatores. Nessa perspectiva, Rojo e Barbosa (2015, p. 16), no livro “Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos”, afirmam que “[...] todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero do discurso”. Essa afirmativa evidencia o que será abordado a seguir, de que o meio em que a criança está inserida influencia diretamente no seu desenvolvimento no processo de alfabetização.

As autoras definem gênero do discurso como “[...] entidades que funcionam em nossa vida cotidiana ou pública, para nos comunicar e para interagir com outras pessoas” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 15). Segundo elas, os gêneros do discurso podem ser primários ou secundários. Os primários são aqueles que norteiam nossas atividades do dia-a-dia e estão geralmente ligados a oralidade, como por exemplo, quando conversamos com os amigos, cumprimentamos as pessoas e exprimimos ordens e pedidos. Os secundários são os de uso público em diversos setores e normalmente requerem a escrita, pois possuem encargos formal e oficial, por exemplo, preenchimento de relatórios e formulários,

artigos, romances, anúncios, entre outros. Dentre os gêneros, o primário é o mais presente e que influencia a criança no momento da escrita.

Tudo isso está diretamente conectado aos casos de ações que estão ligados à natureza percepto-cognitiva, ou seja, a habilidade que a criança tem de interpretar os estímulos que recebe no espaço em que vive, seja com idiosincrasia ou simplesmente recursos de natureza perceptiva (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 1990).

À luz de todas essas questões que influenciam a criança no processo de alfabetização e aquisição da língua escrita abordaremos o objetivo já citado acima com base nos itens deste estudo, que são: *Complexidade da escrita de Língua Portuguesa*, *Influência da língua falada na língua escrita* e *Análise dos desvios ortográficos, geralmente, cometidos por alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, que serão apresentados a seguir.

Complexidade da escrita de Língua Portuguesa

Não tem como negar que, em algum momento, todos nós já tivemos dificuldade em escrever alguma palavra da nossa própria língua. Seja porque era a primeira vez que a escrevíamos, seja porque essa tal palavra era uma palavra “poligâmica” ou “poliândrica”, como nomeia (LEMLE, 2009, p. 11), ou porque ela pertencia ao grupo de palavras homófonas. Enfim, talvez não seja nenhum desses motivos que nos levou à dúvida, mas é quase unânime aos falantes e escritores da Língua Portuguesa que ela é uma língua de escrita complexa.

Todos já nascemos com a capacidade de nos comunicarmos, seja por meio da fala, pictografias, gestos ou expressões, pois essa é uma capacidade inata dos seres humanos, porém a escrita não. A escrita é adquirida durante os nossos anos de escolarização, mas precisamente, durante o nosso processo de alfabetização.

Alguns autores acreditam que o surgimento da escrita, utilizado hoje, se deu devido ao crescimento do mercado financeiro e atividades comerciais a longa distância, mas vale ressaltar que o homem primitivo já se valia da pictografia para registrar imagens de animais, plantas e, até mesmo, de si mesmos, e que 3000 a.C² já surgia a primeira forma de escrita, que, embora também fosse em forma de desenhos, é considerada a primeira forma de

² Antes de Cristo.

escrita, a escrita cuneiforme. Desde então, transformações foram ocorrendo nas línguas de várias regiões do mundo, até chegarmos à forma de escrita que utilizamos atualmente no Brasil.

Nesse contexto, segundo Pacheco (2008, p. 1) a transformação é grande, “[...] tanto é, que historiadores dividem a história da humanidade em antes e depois da escrita”. Assim, é necessário destacar a função da escrita como um artefato social, considerando o que se aprende na escola como fundamental para a formação do aluno.

Influência da língua falada na língua escrita

As transformações pelas quais passaram a escrita foram, em sua grande maioria, influenciadas pela fala e essa influência da língua falada na escrita, também, acontece no processo de aprendizagem da escrita.

A criança quando chega à escola já sabe falar sua língua materna, já tem conhecimento inconsciente de sua língua, mas ainda não possui a consciência fonológica tampouco sabe que, para uma melhor aquisição da competência leitora e escritora, ela precisará aprimorar todo esse conhecimento que já traz consigo e acredita dominar.

A partir daí outras questões são influenciáveis: o quanto essa criança vive em um mundo letrado, qual o nível de escolaridade das pessoas com quem ela convive, se ela faz um uso, ao menos, mediano da linguagem oral e qual a região em que vive.

Tudo isso não quer dizer que uma criança desprovida desses critérios citados acima não poderá, ou não irá aprender a ler e escrever. Pelo contrário, toda criança dotada de saúde é capaz de ler e escrever. Isso só quer dizer que todo o processo de aprendizagem da leitura e da escrita se torna menos significativo para ela própria.

Segundo Bortoni-Ricardo (2006, p. 203):

As deficiências no sistema escolar, que provocam repetências e evasões, são diretamente proporcionais ao índice de desenvolvimento humano das regiões. Nas regiões brasileiras onde esse índice é baixo, como as regiões Nordeste e Norte, são igualmente mais baixos os resultados do Saeb, tanto em Língua Portuguesa quanto em Matemática.

Bortoni-Ricardo (2006), no início do artigo “Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança”, faz uma análise dos índices de aprendizagem apresentados mediante a aplicação de avaliações externas, propostas pelo governo federal brasileiro, e até mesmo das esferas municipal e estadual. Nota-se que de

1998 a 2003 o nível de alunos com aprendizagem considerada adequada cresceu pouco, o que torna ainda maior o nível de analfabetos funcionais, e maior também, o número de alunos com deficiência nas competências de leitura, escrita e cálculo.

Os dados são preocupantes, por isso o aluno deve ser formado para além do simples ato de escrever ou ler, no sentido de decodificar, mas sim, que se aproprie da leitura e da escrita como meios para viver diante das demandas da sociedade. Nesse cenário, a escola deve ser o lugar em que são oportunizadas condições aos alunos para avançarem neste contexto.

Análise dos desvios ortográficos, geralmente, cometidos por alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Primeiramente, é apresentado o texto e depois é feita a sua análise.

Tabela 1. Apresentação do Texto

“Noça que isso que que é, isso que tá puchando, o meu traviseiro olha olha sê não é o galo, vou fazer um galinhuro para galos e galinhas e, pintinhos mais eu primeiru pressiso ir na cidade pra compra prego e outras coisas pronto, amanhã eu, coloco ele no galinha.”

Fonte: Autoria própria.

É possível observar nesse texto que essa criança já possui noção de sentença, como denomina Lemle (2009), ou seja, ela compreende que o texto deve ser escrito da esquerda para a direita, inicia-se com letra maiúscula e termina com um sinal gráfico, nesse caso, o ponto final. Porém, fica evidente o quanto a forma como essa criança pronuncia as palavras influencia na sua forma de escrever, como vemos no quadro abaixo:

Tabela 2. Análise do texto.

Desvios de convenção ortográfica	Desvios por interferência de regras da oralidade na escrita	Outros
Troca do ss por ç: noça > nossa	Alçamento de vogal átona pré-tônica: traviseiro > travesseiro	Omissão de letra: amanhã > amanhã
Troca do x por ch: puchando > puxando	Alçamento de vogal átona final: primeiru > primeiro	Uso do diacrítico sobre monossílabo átono: sê > se
Troca do c por ss: pressiso > preciso	Ditongação: mais > mas	

Troca do m por n: compra > compra	Monotongação: galunhuro > galinheiro	
Troca do ss por s: traviseiro > travesseiro		

Fonte: Autoria própria.

É possível observar que grande parte dos desvios ortográficos dela são de convenção ortográfica. É o que ocorre nas palavras “Noça”, em que o **ss** aparece em posição intervocálica, incorrendo na troca pelo **ç**; “puchando”, em que o **x** aparece antes de vogal e incorre na troca pelo **ch**; “conpra”, que revela que a criança ainda não compreendeu a regra ortográfica do uso do **m** antes de **p** e **b** e que também ocasiona a nasalidade da vogal que precede; “pressiso”, em que **c** está intervocálico e incorre na troca pelo **ss**; “traviseiro”, o **ss**, em posição intervocálica, foi substituído pelo **s**. Nessas palavras as trocas das letras, feita pela criança, não altera o som da pronúncia e nem mesmo o sentido. Na verdade, a maioria das crianças cometem esses tipos de desvios ortográficos no processo de alfabetização, devido à existência de várias formas de representação escrita para um único som. Segundo Oliveira (2005, p. 15), o sistema de escrita possui dois planos, que são o do conteúdo e da expressão, este tem a ver com o som do que falamos e aquele com o sentido, e nos casos destes desvios ortográficos citados acima, nem conteúdo nem expressão sofrem alteração por causa da forma como foram grafadas. Isso só faz com que essas convenções da língua portuguesa se tornem ainda mais difíceis de serem internalizadas e aprendidas pelo alfabetizando.

Oliveira (2005, p. 45) classifica esses desvios ortográficos cometidos por essa criança, nessas palavras citadas acima, como sendo do G2D - grupo da “Violação de formas dicionarizadas”. Para Oliveira (2005), as grafias corretas dessas palavras são, o que ele chama, arbitrárias, pois elas não são de naturezas dialetais e nem podem ser corrigidas pelos sons de suas pronúncias que, por sua vez, são idênticas às pronúncias da escrita ortográfica correta.

Já Lemle (2009) classifica esses desvios ortográficos como “falhas de terceira ordem”, que são falhas por trocas de letras, a criança ainda não percebeu que em algumas posições nas palavras certos sons são descritos por mais de uma letra.

Na palavra “traviseiro”, além de ocorrer uma falha de terceira ordem, como classifica Lemle (2009) e um erro do G2D, como classifica Oliveira (2005), ambos já explicados

acima, ocorre também a troca do **e** pelo **i**, fato comum na oralidade. O mesmo erro ortográfico ocorre na palavra “primeiru” em que há a troca do **o** pelo **u** e também é possível observar que a criança ainda não compreendeu que a letra **o** em posição átona em final de palavra é pronunciada com o som de **u**, e que mesmo assim sua grafia não sofre alteração.

Essa ocorrência, Oliveira (2005, p. 43) classifica como do grupo G1C - “Escrita alfabética com correspondência trocada pela mudança de sons”. O fato de, na hora da escrita, a criança que está em processo de alfabetização repetir o que escreve para se certificar de qual letra usará, implicou no equívoco de monogamia, denominação esta que é de Lemle (2009), que é o fato de atribuir um único som para cada letra. Essa criança, nessa palavra, demonstra não compreender ainda que a escrita não é, na maioria das vezes, uma transcrição da fala, “por exemplo: a palavra pato é escrita patu, porque o aluno escreve como pronuncia, e em sua mente, a transcrição do som [u] só pode ser feita pela letra **u**” (LEMLE, 2009, p. 20). Já na palavra “mais”, a criança deveria ter utilizado a conjunção adversativa “mas”, porém, devido à ocorrência de ditongação em contexto antes de **s**, como se verifica em “paz” por “pa[j]s”, “rapaz” por “rapa[j]s”, ela transcreveu essa adversativa como sendo uma conjunção aditiva. Bortoni-Ricardo (2006), no artigo “Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança”, diz que a leitura e a escrita são parasitárias da fala e que o desenvolvimento da consciência fonológica favorece a compreensão do princípio alfabético subjacente à ortografia do português e de grande número de línguas.

Segundo Oliveira (2005, p. 9), o conhecimento sobre a língua falada controla o processo de aprendizagem da língua escrita. Sendo assim, deduzimos que essas ocorrências de desvios ortográficos decorrem da falta de desenvolvimento da consciência fonológica. Para Oliveira e Nascimento (1990, p. 40), “escrever não se resume em escrever as letras corretas para representar tal ou tal fonema. Há, por exemplo, uma disposição gráfica oficial (= correta) para as palavras em um texto. Mas o que acontece é que esta disposição gráfica de escrita não corresponde exatamente às unidades que se destacam na fala”. Assim, escrever requer uma estrutura própria em estágio sintático, em que as palavras têm uma variante mínima de estrutura, porém uma vasta função, ou seja, a gramática da oralidade não pode ser escrita todas às vezes.

Na palavra “galinhuro”, nota-se que ao escrever a criança trocou o ditongo **ei** por **u**. Vale a pena trazer as considerações de Bortoni-Ricardo (2006, p. 30) sobre esse exemplo,

ao afirmar “ que a extensão da palavra favorece a supressão da semivogal, que também cai com mais frequência em sufixos como - **eiro**”. Talvez por não identificar os fones que acompanham o dígrafo, a criança reduziu a sequência CVVC da palavra galinheiro em CVC, quando a escreveu “galinhuro”.

Na palavra “amanã”, ocorre a supressão do **h** do dígrafo **nh** do que seria a palavra “amanhã”. Oliveira (2005, p. 44) classifica esse tipo de desvio ortográfico como pertencendo ao grupo G2B - “Violações das regras invariantes que controlam a representação de alguns sons”. Estes são os casos em que a grafia está pautada no fone e, ao mesmo tempo, são controlados por regras ortográficas invariantes. No caso do som [ɲ], a representação desse som é feita por uma regra em que a representação deve ser feita unicamente pelo dígrafo **nh**.

O diacrítico que indica a nasalidade da última vogal da palavra foi apropriadamente utilizado pela criança que, aparentemente, domina a representação da nasalidade, seja ela por meio de uma nasal “n”, “m” ou “~”, como se observa nas palavras: “puchando, pintinhos, compra, pronto e amanã”, restando ainda aprender a regra ortográfica do uso do **m** antes de **p** e **b**.

Outros desvios encontrados são os da ordem da pontuação. Nota-se que a criança tem consciência de que em uma sequência as palavras são separadas por vírgula, mas ela ainda não se apropriou totalmente desse conceito e notamos isso no trecho “...vou fazer um galinhuro para galos e galinhas e, pintinhos...”, em que ela até usa a vírgula, mas repete o **e** ao invés de somente separar por (,). Notamos a falta do ponto de interrogação no trecho “Noça que isso que que é, isso que tá puchando...”, no qual ela faz uma pergunta para si mesma. No trecho “...outras coisas pronto, amanã eu, coloco ele no galinha”, observamos que há o uso inadequado da vírgula, porém vale ressaltar que a criança sabe da existência da necessidade de se usar essa pontuação para dar uma pausa nas sequências.

Além disso, há a repetição do **que** e do **olha** no início do texto, uma marca da oralidade transcrita no texto escrito e que é comum nos textos das crianças que ainda não se apropriaram totalmente da linguagem escrita, pois elas utilizam esse recurso para dar ênfase e vida às entonações desejadas.

Considerações finais

Este texto, com base em Oliveira (2005), Lemle (2009), Bortoni-Ricardo (2006) e Pacheco (2008), analisou os desvios ortográficos. A análise demonstrou que a criança está no período adequado de alfabetização, segundo sua idade, e que os desvios encontrados em seu texto refletem os problemas comuns encontrados no processo de alfabetização dos anos finais da alfabetização, em processo avançado de alfabetização, tanto que os desvios, em sua maioria, são desvios de convenção ortográfica, que, segundo Oliveira (2005), não são de natureza dialetais e nem podem ser corrigidas pelos sons de suas pronúncias, que são idênticas às pronúncias da escrita ortográfica, as chamadas formas dicionarizadas.

No caso dos desvios por interferência de regras da oralidade na escrita, é inevitável que esses tipos de desvios ortográficos, de ordem da influência da linguagem oral na escrita, ocorram durante o processo de aquisição da escrita, pois a criança está construindo seus conceitos sobre a escrita e para isso estabelece relação entre o que fala e o que escreve. “E se alguém pensa que isso é ruim, basta que nos lembremos de que é exatamente isso que fazemos quando temos que escrever uma palavra que nunca vimos antes: nós nos guiamos pelo som!” (OLIVEIRA; 2005, p. 14). O que se propôs aqui foi mostrar que todos esses desvios são justificáveis e que, se bem trabalhados através de listas de palavra; atividades de pesquisa em jornais, revistas ou qualquer material impresso; leituras de canções, poesias, letras de músicas e outras atividades, como cantar melodias já conhecidas pela criança, fazer palavras cruzadas, confeccionar cartazes, todos eles podem ser sanados visto que, segundo Oliveira (2005, p. 10), “em resumo, há um momento em que nenhum de nós escreve mais como se fala”.

Ainda, segundo Oliveira (2005, p. 8), “ao contrário, só ‘erra’ quem está no controle da construção do conhecimento. Poderíamos dizer que o aluno bom é o que erra”.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança. **SCRIPTA**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas, v.9 nº18, 2006, p. 201-220.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador**. 17. ed. São Paulo. Editora Ática. 2009.

OLIVEIRA, M. A. de. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. 1. ed. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2005. v. 01. 70p.



OLIVEIRA, M. A. de; NASCIMENTO, M. do. **Da análise de “erros” aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita**. Ed. Revista, Belo Horizonte, (12):33-43, dez., 1990.

PACHECO, V. 'Evidência do funcionamento da língua oral no texto escrito'. **Intersecções**, Jundiá, edição 1, n.1, ano 1, 2008, p.1-15.


ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Karina Souza Alves Montanha. Especialista em Linguagem, Texto e Ensino. Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

E-mail: kamontanha@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0002-8629-7847>

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista ENSIN@ UFMS – ISSN 2525-7056 o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY-NC-SA 4.0), que permite compartilhar e adaptar o trabalho, para fins não comerciais, reconhecendo a autoria do texto e publicação inicial neste periódico, desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual.

EDITORES

Patricia Helena Mirandola Garcia, Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.

HISTÓRICO

Recebido em: 03/09/2023 - Aprovado em: 28/12/2023 – Publicado em: 31/12/2023.

COMO CITAR

MONTANHA, K. S. A. A Influência da Linguagem Oral no Processo de Aquisição da Língua Escrita. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v. 4, n. 8, p. 73-82. 2023.